

É TEMPO DE SER E ESTAR NO MUNDO: AS DUALIDADES DE IDIORIÊ

Clara Idiorie
claraidorie@gmail.com



Olá, eu sou a Clara 'Rewai'ô Idioriê Xavante, pertencço aos povos A'uwê Uptabi (Xavante), Iny (Karajá) e Iny (Javaé). Me apresento como Clara Idioriê, resolvi assumir o sobrenome de minha mãe para sentir a parte dela mais presente em mim já que tenho muito do povo A'uwê Uptabi. Atualmente estou morando em Goiânia porque estou terminando a faculdade de jornalismo. Faz um tempo que estou aqui e



me adaptei bem, pois eu sempre participei dos dois mundos (cidade e aldeia). Minha mãe foi criada em Goiânia por sua família adotiva, por isso tive sempre esse entendimento, tanto do mundo indígena, quanto do mundo não indígena.

Eu não nasci na aldeia, e sim em uma cidade chamada Nova Xavantina, porque na época minha mãe se sentia mais à vontade e segura em ter o parto de sua primeira e única filha no hospital. Também porque tinha uma questão de idade, ela me teve com 35 anos, e o medo de possíveis complicações na hora do parto contribuiu para que assim fosse feito.

Minha mãe é Javaé e Karajá, viveu na última família Karajá de Crixás. Os Iny (Karajá) tradicionalmente vivem ao longo do rio Araguaia e a única família remanescente que tinha lá era a dela. Aos 7 anos ela foi adotada, e uns anos mais tarde quando seus pais faleceram, ela não tinha para onde voltar, há outra parte da família em outras partes do Araguaia, mas não exatamente da região onde ela viveu até os 7. O propósito da mamãe quando ela saiu de sua aldeia foi estudar, e assim ela o fez. Anos depois em meio as lutas e projeto dos povos indígenas conheceu meu pai e casou-se com ele, acabou se encantando pelo modo de ver a vida da minha bisavó Apowê e sua família. Ela mudou-se para o Mato Grosso, e foi viver junto aos Xavante. No início, ela fala que foi bem difícil porque tem as questões tradicionais do povo. Meu pai, naquela época, tinha uma noiva prometida, o que faz parte da tradição, e desfazer esse compromisso foi uma questão complicada, levou uns anos até a minha avó realmente falar: você é minha nora. E após tantos anos de convivência, ela conhece muito mais a cultura

do povo Xavante e consequentemente eu também.

Meus pais moraram na aldeia durante um tempo após o casamento, e quando nasci foram para cidade onde morei até uns 4 anos, mas como era perto, toda hora estávamos na aldeia. Minha mãe conta que voltamos definitivamente para a aldeia porque em uma das idas para passar as férias, na hora de ir embora, depois de me despedir dos meus primos, quando o caminhão fez a curva na estrada e ninguém mais podia me ver, ela olhou para mim e viu minhas lágrimas descenderem em completo silêncio. Então ela decidiu que estava na hora de voltar e que isso seria bom para mim, ela sentiu que eu estava precisando desse contato mais permanente com a aldeia.

Minha língua materna é o português, porque aprendi com minha mãe que não fala sua língua por ter se afastado de seu povo muito pequena. Quando fui morar na aldeia, desenvolvi bem a língua Xavante. Convivi, aprendi, vivi toda a força da tradição A'uwê, dos 4 aos 14 anos, quando tive que ir para a cidade novamente por causa dos estudos. Na época não havia o ensino médio na aldeia. Mas o tempo que estive lá aprendi a língua, o modo de vida, o olhar sobre o mundo e como as pessoas se relacionam.

E apesar dessas idas e vindas não tenho uma memória específica de quando comecei a morar na aldeia. Quando lembro da minha infância, a memória é só da aldeia, pescando com os primos, brincando, correndo e vivendo livre. Para mim sempre foi natural essa dualidade de vivências, mas tanto dentro do costume não-indígena e indígena, minha criação foi especial, foi diferente. A cultura Xavante é muito patriarcal, então, por eu ter a experiência de minha mãe, criada fora da aldeia, e de meu pai que também tem uma visão mais aberta do mundo, pude viver de uma forma mais livre. Acho que eu fui criada como um menino Xavante.

Como sempre vivi os dois mundos, quando tive que sair para estudar em Água Boa, que é uma cidade ainda mais perto da aldeia, não pareceu uma mudança ou um corte radical. No começo não caiu a ficha que estava morando na cidade, porque eu sempre voltava para a aldeia no fim de semana, nas férias, nos ritos de passagem e minha casa fisicamente ainda continuava lá.

Mas na verdade, quando eu tive realmente que sair do meu mundo, do coletivo da aldeia onde todo mundo me conhecia, todo mundo sabia o que eu pensava e quem eu era, e ir para um lugar completamente novo, apesar de conhecido, deu um pouco de medo, foi um pouco complicado. Quando eu ia para a cidade era mais uma visita, ficava uns dias, conhecia novas pessoas, mas sabia que ia voltar para a aldeia. Então, nessa época, eu fiquei assustada. Pensava: como vai ser agora que terei que conviver com essas pessoas e essa realidade

diariamente? Como as pessoas me receberiam, sabendo que eu sou indígena. Será que teriam algum preconceito? Como eu sempre vivi rodeada de adultos envolvidos em todos os tipos de lutas, principalmente as indígenas, sabia que havia preconceitos e como isso se apresentava de forma ruim na maioria das vezes isso me fez sentir medo.

A princípio, eu não senti o preconceito direto. As pessoas se espantavam por eu falar bem o português, sem sotaque, porque estão acostumadas com os xavantes que não falam fluentemente o português. Era mais um choque: nossa você fala português direitinho, você entende tudo... Isso pode ser visto como preconceito? Pode. Mas para mim existe dois tipos de preconceito: aquele por pura ignorância, mas estão dispostos a aprender e entender o diferente, mas tem o preconceito violento que machuca de muitas formas, não só fisicamente. Nesses casos a pessoa olha para você e já não gosta de você, não sabe o porquê, não tem argumento do porquê desse “ódio”. Em alguns momentos tive contato com pessoas muito curiosas, querendo entender a minha realidade, sem julgamento nenhum, apenas querendo conhecer a Clara, não por ela ser indígena, não por ela falar bem, simplesmente por conhecer e entender essa outra realidade, essa outra pessoa. Mas em algumas ocasiões quando eu estava acompanhada do pessoal da aldeia, o preconceito violento do qual falei se apresentava, e eu sentia a raiva no olhar das pessoas que nos observavam, era perceptível o quanto não éramos bem-vindos, isso me doía e o sangue fervia. Para essas pessoas os indígenas são sujos, estão sempre fedendo, que não sabem falar ou fazer as coisas direito, não somos pessoas, não somos dignos de ser ou estar ali.

Era incrivelmente visível a diferença de como eu era vista com e sem minha família da aldeia. Sem eles eu ouvia mais “você fala tão bem”, “você é descendente, né?” ou “Você é japonesa, boliviana...”. E eu sempre respondia e ainda respondo: não, eu sou indígena mesmo, de pai, mãe, avô, avó. Eu procuro reagir explicando as coisas: não é bem assim, cada povo, cada pessoa tem seu modo diferente de viver, o que é cheiroso para mim, o que eu acho bonito, é diferente para você, então busque entender por que eles se vestem assim ou por que estão ou são dessa forma. Eu explicava, mas sem briga, de forma mais didática. Acho que muito por causa dos meus pais, como minha mãe é professora e meu pai, como liderança, sempre procurou o diálogo, eu aprendi dessa forma, a procurar dialogar primeiro. Porém às vezes não dá, sai uma faisquinha, tem hora que a gente perde a paciência.

A minha mudança mais radical e mais distante da minha aldeia foi na época dos vestibulares. Eu escolhi Goiânia por causa da minha mãe, porque a família adotiva dela está aqui e eu teria o apoio dessa família. Na época meu

pai estava morando em Água Boa por conta do trabalho e minha mãe estava fazendo mestrado em Cuiabá. Apesar da capital de Mato Grosso também ser uma possibilidade, eu não me sentia à vontade lá. E eu também queria conhecer o mundo por mim mesma, viver uma outra realidade, sem ter essa segurança e aconchego dos pais por perto, queria ficar “sozinha” e ver como era isso. Então, decidi vir para Goiânia porque era uma cidade onde, apesar de só ter vindo algumas vezes nas férias para visitar meus avós, eu sempre me senti muito em casa também.

A reação das pessoas aqui é bem diferente. Quando eu me mudei para cá, eu já não tinha tantas características que são próprias dos A'uwê, o que os identifica como povo já que cada povo indígena tem suas próprias características físicas, como o corte de cabelo, brincos, pinturas etc. Como eu já estava fora da aldeia há um tempo, tinha deixado meu cabelo crescer de um jeito diferente do tradicional. Quando mudei para cá não teve tanto estranhamento. Geralmente as pessoas olham para mim e já perguntam meio afirmando se sou japonesa. Quando falo que sou indígena, ficam em choque, dizem: tem certeza? não está confundindo, não é descendente? E lá vou eu mais uma vez “Não, sou indígena mesmo, de pai, mãe.” A curiosidade aqui é bem maior, querem saber como funciona, como vivem os indígenas, como cheguei até aqui. É uma curiosidade mais saudável.

A princípio quis fazer faculdade de cinema, mas o vestibular já havia passado e aí fui para o jornalismo que tinha a Comunicação como um ponto em comum.

Na época da aldeia eu me envolvi muito com audiovisual. Comecei na fotografia, porque na aldeia Wede'rá, de onde eu vim há projetos culturais mais ligados à área do audiovisual. Aí eu peguei o gosto pela comunicação, de fotografar e fazer vídeos e por isso quis o cinema. Porém o jornalismo acabou me trazendo muito do que eu queria que era mostrar as várias realidades, documentar, dar voz aos outros possibilitando o diálogo entre os diferentes.

Os povos indígenas buscam e lutam pelo direito de ser quem são. Assim como várias minorias não-indígenas também lutam por essa liberdade. Buscar entender o outro é importante, independentemente de ser indígena ou não, da religião, da cor, de qualquer coisa. O ser humano precisa se olhar mais, olhar mais o outro e entender que todos são diferentes em vários graus e questões. Foi o que meu avô Wazaé falou para mim: “O conhecimento é o que liberta as pessoas, é o que possibilita o diálogo, conhecer o outro, tentar não julgar, se colocar no lugar do outro”.